



## **CATEQUESE**

**Sua Santidade o Papa Bento XVI**

**Vaticano - Audiência Geral**

**Quarta-feira, 16 de Janeiro de 2013**

Queridos irmãos e irmãs,

O Concílio Vaticano II na Constituição sobre a Divina Revelação *Dei Verbum*, afirma que a verdade íntima da revelação de Deus brilha para nós *"em Cristo, que é juntamente o mediador e a plenitude de toda a Revelação"* (n 2).

O Antigo Testamento narra-nos como Deus, após a criação, apesar do pecado original, apesar da arrogância do homem de querer colocar-se no lugar do seu Criador, oferece novamente a possibilidade da sua amizade, sobretudo por meio da aliança com Abraão e o caminho de um pequeno povo, o de Israel, que Ele escolhe não com critérios terrenos, mas simplesmente por amor. É uma escolha que permanece um mistério e revela o estilo de Deus que chama alguns não para excluir outros, mas para fazê-los de ponte que conduza a Ele: eleição é sempre eleição para o outro.

Na história do povo de Israel é possível refazer os passos de um longo caminho no qual Deus se faz conhecer, se revela, entra na história com palavras e acções. Para esta obra Ele utiliza mediadores, como Moisés, os Profetas, os Juízes, que comunicam ao povo a sua vontade, recordam a exigência da fidelidade à aliança e mantêm viva a realização plena e definitiva das promessas divinas. E é exactamente a realização destas promessas que contemplamos no Santo Natal: a Revelação de Deus alcança o seu cume, a sua plenitude.

Em Jesus de Nazaré, Deus realmente visita o seu povo, visita a humanidade de uma forma que vai além de todas as expectativas: envia o seu Filho Unigénito; o próprio Deus faz-se homem. Jesus não nos diz algo sobre Deus, não fala simplesmente do Pai, mas é a revelação de Deus, porque é Deus, e revela assim a face de Deus. No Prólogo do seu Evangelho, São João escreve: "*Deus, ninguém jamais o viu: Ninguém jamais viu Deus. O Filho único que está no seio do Pai foi quem o revelou*" (João 1, 18).

Gostaria de deter-me sobre este "*revelar a face de Deus*". A este respeito, São João, no seu Evangelho, relata um facto significativo que ouvimos então. Aproximando-se a Paixão, Jesus tranquiliza os seus discípulos, exortando-os a não terem medo e a ter fé, e depois, começa um diálogo com eles no qual fala de Deus Pai (cf. João 14,2-9).

Num determinado momento, o apóstolo Filipe pede a Jesus: "*Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta*" (João 14, 8). Filipe é muito prático e concreto, diz também o que nós queremos dizer: "*queremos ver, mostra-nos o Pai*", pede para "*ver*" o Pai, para ver a sua face. A resposta de Jesus é respondida não só a Felipe, mas também a nós e introduz-nos no coração da fé cristológica; o Senhor diz: "*Quem me viu, viu o Pai*" (João 14, 9). Esta expressão contém em síntese a novidade do Novo Testamento, aquela novidade que apareceu na gruta de Belém: é possível ver a Deus, Deus manifestou a sua face, é visível em Jesus Cristo.

Em todo o Antigo Testamento é muito presente o tema da "*busca da face de Deus*", o desejo de conhecer essa face, o desejo de ver Deus como Ele é, tanto que o termo hebraico *pānîm*, que significa "*face*", é nomeado nada menos que 400 vezes, e 100 delas são referentes a Deus: "*100 vezes refere-se a Deus*", deseja-se ver a face de Deus. No entanto a religião judaica proíbe todas as imagens, porque Deus não pode ser representado, como faziam os povos vizinhos com a adoração de ídolos; então, com esta proibição das imagens, o Antigo Testamento parece excluir totalmente o "*ver*" do culto e da devoção. O que significa, então, para o israelita piedoso, buscar a face de Deus, sabendo que não pode haver imagem alguma?

A questão é importante: por um lado, quer-se dizer que Deus não pode ser reduzido a um objecto, como uma imagem que se toma em mãos, nem mesmo se pode colocar algo no lugar de Deus; por outro lado, afirma-se que Deus tem uma face, um

"Tu" que pode entrar em relação, que não está fechado no seu Céu a olhar do alto a humanidade.

Deus está certamente acima de todas as coisas, mas dirige-se a nós, escuta-nos, vê-nos, fala, estabelece aliança, é capaz de amar. A história da salvação é a história de Deus com a humanidade, é a história deste relacionamento de Deus que se revela progressivamente ao homem, que faz conhecer a si mesmo, a sua face.

Logo no início do ano, no dia 1 de Janeiro, ouvimos na liturgia a bela oração de bênção sobre o povo: *"O Senhor te abençoe e te guarde. O Senhor te mostre a Sua face e conceda-te a Sua graça. O Senhor volte o Seu rosto para ti e te dê a paz"* (Nm 6,24-26). O esplendor da face divina é a fonte de vida, é o que nos permite ver a realidade; a luz da Sua face é o guia da vida.

No Antigo Testamento, há uma figura que está ligada de forma muito especial ao tema da *"face de Deus"*; trata-se de Moisés, a quem Deus escolhe para libertar o povo da escravidão do Egito, doa-lhe a Lei da aliança e o conduz à Terra prometida. Bem como, no capítulo 33 do Livro do Êxodo, diz-se que Moisés tinha um relacionamento estreito e confidencial com Deus: *"O Senhor falava com Moisés face a face, como um homem fala com seu amigo"* (v. 11). Em virtude dessa confiança, Moisés pede a Deus: *"Mostra-me a Tua glória"*, e a resposta de Deus é clara: *"Farei passar diante de ti todo o Meu esplendor e proclamarei o Meu nome... Mas tu não poderás ver a Minha face, porque nenhum homem Me pode ver e permanecer vivo... Eis um lugar perto de mim... Tu Me verás por detrás, mas a Minha face não pode ser vista"* (vv. 18-23).

Por um lado, há agora um diálogo face a face como entre amigos, mas por outro há a impossibilidade, nesta vida, de ver a face de Deus, que permanece escondida; a visão é limitada. Os Padres dizem que estas palavras, *"tu me verás por detrás"*, querem dizer: tu podes somente seguir a Cristo e seguindo vê por trás o mistério de Deus; Deus pode ser seguido vendo as suas costas.

Algo de novo acontece, porém, com a Encarnação. A busca da face de Deus recebe uma mudança incrível, porque agora é possível ver essa face: é aquela de Jesus, do Filho de Deus que se fez homem. Nele encontra cumprimento o caminho da revelação de Deus iniciado com o chamado a Abraão, Ele é a plenitude desta revelação

porque é o Filho de Deus, é ao mesmo tempo *"mediador e plenitude de toda a Revelação"* (Const. Dogm. Dei Verbum, 2), Nele o conteúdo da Revelação e o Revelador coincidem. Jesus mostra-nos a face de Deus e faz-nos conhecer o nome de Deus.

Na Oração sacerdotal, na Última Ceia, Ele diz ao Pai: *"Manifestei o teu nome aos homens ... Eu fiz-lhes conhecer o teu nome"* (cf. João 17,6.26). A expressão *"nome de Deus"* significa Deus como Aquele que está presente entre os homens. A Moisés, na sarça ardente, Deus havia revelado o seu nome, tinha-se tornado invocável, tinha dado um sinal concreto do seu *"existir"* entre os homens. Tudo isso em Jesus encontra cumprimento e plenitude: Ele inaugura de um modo novo a presença de Deus na história, por que quem O vê, vê o Pai, como diz a Filipe (cf. João14,9).

O Cristianismo - afirma São Bernardo - é a *"religião da Palavra de Deus"*, não, porém, de *"uma palavra escrita e muda, mas do Verbo encarnado e vivo"* (Hom. super missus est, IV, 11: PL 183, 86B). Na tradição patrística e medieval utiliza-se uma fórmula especial para expressar esta realidade: diz-se que Jesus é o *Verbum abbreviatum* (cf. Rm 9,28, referindo-se a Isaías 10, 23), o Verbo abreviado, a Palavra breve, breve e substancial do Pai, que nos contou tudo sobre Ele. Em Jesus toda a Palavra está presente.

Em Jesus também a mediação entre Deus e o homem encontra a sua plenitude. No Antigo Testamento há uma série de figuras que desempenham esta tarefa, em particular Moisés, o libertador, o guia, o *"mediador"* da aliança, como o define também o Novo Testamento (cf. Gl 3, 19; Atos 7 , 35, Jo 1:17). Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, não é simplesmente um dos mediadores entre Deus e o homem, mas é *"o mediador"* da nova e eterna aliança (cf. Hb 8:6; 9,15, 12,24), *"um só, de facto, é Deus - diz Paulo - e um só o mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus"* (1 Tm 2,5; Gal 3,19-20). Nele podemos ver e encontrar o Pai; Nele podemos invocar a Deus como *"Abbá, Pai"*; Nele é-nos doada a salvação.

O desejo de conhecer a Deus realmente, isso é, de ver a face de Deus é inerente a todos os homens, até mesmo nos ateus. E nós temos talvez inconscientemente este desejo de simplesmente ver quem é Ele, o que é, quem é para nós. Mas esse desejo realiza-se seguindo a Cristo, assim, vemos as costas e enfim também a Deus como um

amigo, a Sua face na face de Cristo. O importante é que sigamos a Cristo não somente no momento em que necessitamos e quando encontramos um espaço nas nossas ocupações diárias, mas com a nossa vida enquanto tal.

Toda a nossa existência deve ser orientada ao encontro com Jesus Cristo, ao amor por Ele; e, nisso, um lugar central deve ter o amor ao próximo, o amor que, à luz do Crucifixo, nos faz reconhecer a face de Jesus nos pobres, nos fracos, nos sofredores. Isso é possível somente se a verdadeira face de Jesus se tornar familiar para nós na escuta da sua Palavra, no falar interiormente, no entrar nesta Palavra de forma que realmente O encontremos, e, naturalmente, no mistério da Eucaristia.

No Evangelho de São Lucas é significativo o passo dos dois discípulos de Emaús, que reconhecem Jesus ao partir o pão, mas preparados pelo caminho com Ele, preparados pelo convite que Lhe fizeram de permanecer com eles, preparados pelo diálogo que fez arder os seus corações; assim, no final, eles vêem Jesus.

Também para nós a Eucaristia é a grande escola em que aprendemos a ver a face de Deus, entramos no relacionamento íntimo com Ele e aprendemos, ao mesmo tempo, a dirigir o olhar para o momento final da história, quando Ele nos irá saciar com a luz da Sua face. Sobre a terra, caminhamos para essa plenitude, na expectativa alegre que se realiza no Reino de Deus. Obrigado.

Benedictus PP XVI